

ESTÁ/TÁ NA FALA POPULAR DE SALVADOR: REDUÇÃO FONÉTICA, VARIAÇÃO E GRAMATICALIZAÇÃO

Viviane Marcelina da SILVA¹

Cristina dos Santos CARVALHO²

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v19i3.3430>

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar, na fala popular soteropolitana, o emprego do verbo *estar* no presente do indicativo, nas suas formas fonológicas plena (*está*) e reduzida (*tá*), sob as perspectivas da variação linguística e da mudança por gramaticalização. O enfoque teórico segue pressupostos do funcionalismo norte-americano, na linha da abordagem clássica da gramaticalização (HOPPER, 1991; HOPPER; TRAUGOTT, 2003 [1993] etc.). Do ponto de vista metodológico, a pesquisa tem caráter qualitativo e quantitativo e adota procedimentos sociofuncionalistas; como *corpus*, utiliza dados empíricos extraídos de entrevistas do acervo do Programa de Estudos do Português Popular de Salvador (PEPP). Os resultados da análise atestam que: (i) as formas *está/tá* desempenham, na fala popular soteropolitana, diferentes funções, que podem ser alocadas em um *continuum* de gramaticalização: verbo (pleno > verbo de ligação > verbo auxiliar) > advérbio de afirmação/concordância > marcador discursivo; (ii) há variação entre *está* e *tá* como verbos pleno, de ligação e auxiliar; (iii) em relação aos usos como advérbio de afirmação/concordância e marcador discursivo (usos mais gramaticalizados), não há variação entre *está* e *tá*, mas sim uma especialização (HOPPER, 1991) de *tá* no desempenho dessas funções.

Palavras-chave: Usos de *está/tá*. Redução fonética. Variação linguística. Gramaticalização.

1 Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Salvador, Bahia, Brasil; viviane.marcelina@hotmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-8799-7530>

2 Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Salvador, Bahia, Brasil; crystycarvalho@yahoo.com.br; <https://orcid.org/0000-0002-2399-674X>

ESTÁ/TÁ IN THE POPULAR SPEECH OF SALVADOR: PHONETIC REDUCTION, VARIATION AND GRAMMATICALIZATION

Abstract: The aim of this article is to analyze, in popular Soteropolitan speech, the use of the verb *estar* in the present tense, in its full (*está*) and reduced (*tá*) phonological forms, from the perspectives of linguistic variation and change by grammaticalization. The theoretical approach follows assumptions of North American functionalism, in line with the classical approach to grammaticalization (HOPPER, 1991; HOPPER; TRAUGOTT, 2003 [1993] etc.). From a methodological point of view, the research has a qualitative and quantitative character and adopts sociofunctionalist procedures; as a *corpus*, it uses empirical data extracted from interviews from the database of the Popular Portuguese Studies Program in Salvador (PEPP). The results of the analysis attest that: (i) the forms *está/tá* have, in popular Soteropolitan speech, different functions, which can be allocated in a *continuum* of grammaticalization: verb (full > linking verb > auxiliary verb) > adverb of affirmation/concordance > discourse marker; (ii) there is variation between *está* and *tá* as full, linking and auxiliary verbs; (iii) in relation to uses such as adverb of affirmation/agreement and discourse marker (more grammaticalized uses), there is no variation between *está* and *tá*, but rather a specialization (HOPPER, 1991) of *tá* in the performance of these functions.

Keywords: Uses of *está/tá*. Phonetic reduction. Linguistic variation. Grammaticalization.

Introdução

O verbo *estar* tem sido descrito em estudos (MENDES, 1999; SANTOS, 2016; PINHEIRO, 2019) que buscam compreender as motivações da alternância entre suas formas plenas e reduzidas e verificar seus usos e suas possíveis mudanças gramaticais. Tais estudos têm comprovado, a partir de evidências empíricas de diferentes variedades do português brasileiro (paulistana, carioca, capixaba etc.), que *estar* tem experimentado processos de variação e de mudança linguística via gramaticalização, havendo, em alguns contextos de uso, uma interpenetração entre esses dois processos.

Neste texto, apresenta-se um recorte da pesquisa de Silva (2021) sobre usos do verbo *estar* na fala popular soteropolitana. Tendo em vista a interface variação/gramaticalização (GÖRSKI; TAVARES, 2017), objetiva-se analisar a realização do verbo *estar* no contexto do presente do indicativo, nas suas formas fonológicas plena (*está*) (1) e reduzida (*tá*) (2), (3).

- (1) Minha neta sabe fazer tudo, ela sabe fazer, mas não, ela é muito encostada. Ela não é de dizer assim: “Ah, minha avó *está* aí, com meu avô, tudo, deixe eu fazer, lavar esses pratos pra ela, deixe eu varrer essa casa.” [...] (PEPP, Inf. 01, p. 331).

- (2) DOC: D. M... de L..., a gente poderia conversar assim, continuar, mas estamos precisando encerrar, tá bom?

41: *Tá.*

DOC: Obrigada a senhora (PEPP, Inf. 41, p. 368).

- (3) DOC: Oh, que bom!

17: e eu tenho que dizer, “tá minha mãe, minha mãe oh pelo amor de Deus, minha mãe. Olhe, minha mãe, depois eu ligo pra senhora, *tá?*” Porque, às vezes, eu estou assim sabe?, aí ela, tá, “oh, minha filha”, amanhã, aí quando for amanhã, “ontem eu liguei pra você, mas você é muito ocupada, não podia me dar assistência, mas eu só queria hoje ouvir a sua vozinha, uma saudade de sua vozinha rouca”. (PEPP, Inf. 17, p. 290).

Para a descrição dos usos de *está/tá* como os apresentados nos excertos de (1) a (3), assume-se a hipótese de que o presente do indicativo, atrelado ao contexto de segunda e terceira pessoas do singular, tem motivado a gramaticalização de *estar*, respectivamente, como advérbio de afirmação/concordância (2) e marcador discursivo (3), usos que tendem a ser realizados na forma reduzida *tá*. Parte-se, então, da assunção de que há uma imbricação entre os processos de redução fonética, variação e gramaticalização.

A análise do objeto de investigação norteia-se pelo enfoque teórico do funcionalismo linguístico norte-americano, na linha da abordagem clássica da gramaticalização (HOPPER, 1991; HOPPER; TRAUOGOTT, 2003 [1993]; MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996). Nessa análise, examinam-se dados empíricos da fala popular soteropolitana, extraídos de entrevistas integrantes do banco de dados do Programa de Estudos do Português Popular de Salvador (PEPP) (LOPES; SOUZA; SOUZA, 2009). Justifica-se a escolha da fala soteropolitana pelo fato de não haver, até a realização da pesquisa de Silva (2021), notícias de trabalhos sobre a variação e a gramaticalização de *está/tá* nessa variedade do português brasileiro.

Este trabalho está organizado em seis seções. Na primeira, destacam-se alguns conceitos e pressupostos básicos da abordagem da gramaticalização sob o prisma do funcionalismo norte-americano. Na segunda seção, explicitam-se aspectos metodológicos da pesquisa. Na terceira seção, tecem-se breves considerações sobre a etimologia do verbo *estar*. Na quarta, exhibe-se uma descrição dos usos de *está/tá* na fala popular soteropolitana, relacionando-os ao processo de gramaticalização. Na quinta seção, enfocam-se os resultados quantitativos obtidos em relação ao valor semântico-estrutural de *está/tá*. Na sexta, faz-se uma discussão sobre a relação entre os processos de redução fonética, variação e gramaticalização e o fenômeno aqui investigado. Em

- | *Está/tá* na fala popular de Salvador: redução fonética, variação e gramaticalização

seguida, expõem-se as considerações finais da pesquisa e as referências que subsidiaram o trabalho.

Abordagem da gramaticalização: perspectiva funcional

Neste texto, contempla-se o que tem sido chamado, na literatura linguística, de abordagem clássica da gramaticalização sob o viés do funcionalismo norte-americano. Nessa fase dessa vertente funcionalista, segundo Rosário e Oliveira (2016), o foco da análise incide na mudança categorial no nível da gramática, na concepção de que o processo de gramaticalização segue uma trajetória de categorias lexicais a gramaticais ou de categorias menos para mais gramaticais. Assume-se, então, que a gramática pode passar por constantes mudanças a depender do uso, pois os falantes precisam de novas formas/construções para se comunicar ou repetem determinadas formas/construções que são inseridas na gramática com novas funções, até porque o comportamento linguístico é também reflexo de capacidades cognitivas (JUNQUEIRA, 2015).

Os estudos sobre gramaticalização, conforme explicitam Gonçalves *et al.* (2007), são iniciados na China, no século X e continuam a se desenvolver, no século XVII, com Condillac e Rosseau (na França) e com Tooke (na Inglaterra). Chegam ao século XVIII, com Bopp, Schelegel, Humboldt, Gabelentz (na Alemanha) e Whitney, nos Estados Unidos. Posteriormente, são retomados, no século XX, nas décadas iniciais de 1912, pelo linguista francês Antoine Meillet, que tem sido considerado o cunhador do termo *gramaticalização*, com a aceção de “atribuição de caráter gramatical a uma palavra antes autônoma” (MEILLET, 1912, p. 131, tradução nossa³). Nessa época, “[...] depreende-se, primeiramente, a ideia de gramaticalização como uma ferramenta da linguística histórica, que buscava dar conta das origens e das mudanças típicas envolvendo morfemas gramaticais [...]” (GONÇALVES *et al.*, 2007, p. 21).

Depois de Meillet, a gramaticalização torna-se o centro de atenção no funcionalismo do século XX, na década de 1970, com os trabalhos de linguistas americanos como Paul Hopper, Elizabeth Traugott, entre outros. Nos termos de Hopper e Traugott (2003 [1993]), o termo gramaticalização é usado para se referir tanto ao processo de mudança linguística como a um paradigma. Como processo, a gramaticalização representa o objeto de estudo do paradigma. Esses autores enfatizam que a gramaticalização se refere a essa parte do estudo da mudança de linguagem que se preocupa com questões atinentes a como os itens lexicais e as construções passam, em certos contextos linguísticos, a desempenhar

³ No original: “L’attribution du caractère grammatical a un mot jadis autonome”.

funções gramaticais ou como os itens gramaticais desenvolvem novas funções gramaticais. Nessa perspectiva, a abordagem da gramaticalização é assumida como um paradigma explanatório de emergência de novas formas/construções gramaticais.

Hopper e Traugott (2003 [1993], p. 2, tradução nossa)⁴ definem a gramaticalização “como um subconjunto de mudanças linguísticas em que um item lexical ou a construção, em certos usos, assume características gramaticais, ou através do qual um item gramatical se torna mais gramatical”. Afirmam que não só um item pode se gramaticalizar, mas toda a construção em que se encontra um dado elemento. Tal afirmação pode ser ilustrada, no português brasileiro, com a gramaticalização do verbo *estar* em advérbio de afirmação/concordância: nesse caso, como será visto na seção em que serão descritos os usos de *está/tá* na fala popular soteropolitana, a reanálise categorial opera tanto no item isoladamente (*tá*) como em construções de que esse item faz parte, por exemplo, *tá certo* e *tá bom*.

A afirmação de Hopper e Traugott (2003 [1993]) supracitada permite entrever uma relação entre gramaticalização, construção e contexto morfossintático (esses dois últimos tomados como sinônimos). A esse respeito, Carvalho (2017, p. 88) salienta:

[...] na literatura linguística (TRAUGOTT, 1997; HOPPER; TRAUGOTT, 2003; BYBEE, 2003; NOËL, 2007, dentre outros), com a constatação da relevância do contexto morfossintático ou da construção em que a forma fonte ocorre para a gramaticalização, tornaram-se prementes uma nova perspectiva de análise que deslocasse o foco de atenção apenas de itens específicos e a redefinição do próprio processo de gramaticalização para “mudança através da qual, em certos contextos linguísticos, os falantes usam (parte de) uma construção com uma função gramatical, ou atribuem uma nova função gramatical a uma construção já gramatical” (TRAUGOTT, 2009).

Nas palavras de Martelotta, Votre e Cezario (1996, p. 49), a gramaticalização é “[...] uma manifestação do aspecto não-estático da gramática, uma vez que ela demonstra que as línguas estão em constante mudança em consequência de uma incessante busca de novas expressões e que, portanto, nunca estão definitivamente estruturadas”. Nessa mesma direção, Furtado da Cunha e Tavares (2016) afirmam que o fenômeno da gramaticalização ratifica a concepção funcionalista de gramática como mecanismo mutável e instável, que pode ser modificado pelo uso, e sujeito a pressões comunicativas e cognitivas. Os autores

⁴ No original: “[...] grammaticalization is usually thought of as that subset of linguistic changes whereby a lexical item or construction in certain uses takes on grammatical characteristics, or through which a grammatical item becomes more grammatical” (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, [1993], p. 2).

supracitados consideram, então, que a gramaticalização é motivada pela regularização do uso da língua e acontece por meio da criação de expressões novas pelos falantes para atender a seus propósitos comunicativos.

Na mudança via gramaticalização, a criação de elementos gramaticais se dá por meio da extensão de uso de itens/construções lexicais ou já gramaticais. Nesse contexto, itens lexicais são entendidos como elementos que designam objetos, entidades, ações, sentimentos, processos, estados e qualidades; fazem parte dessa categoria os nomes, os verbos plenos, os adjetivos. As categorias gramaticais têm, entre outras, a função de organizar o discurso, ligando palavras, frases e textos, ou marcar noções como tempo, modo, aspecto; são representadas, entre outras classes, por preposições, conjunções e verbos auxiliares (HOPPER; TRAUGOTT, 2003 [1993]; GONÇALVES *et al.*, 2007).

Desse modo, dentro da concepção funcionalista, entende-se que há, ainda que de forma não categórica e discreta, o plano do léxico e o da gramática, considerando que existem: (i) sentidos mais concretos e referenciais expressos por classes morfológicas, como os nomes e os verbos plenos, que se encontram no plano lexical; (ii) sentidos mais abstratos codificados por classes morfológicas, como as preposições e conjunções, que se localizam no plano da gramática. Nesse caso, a gramaticalização representa uma interseção entre esses dois planos.

A abordagem da gramaticalização ampliou o seu escopo de investigação quando passou a considerar casos de mudança de um item ou uma construção para marcador discursivo. Nesse sentido, como bem explana Martelotta (2011, p. 94), a gramaticalização passa a englobar a emergência de itens/elementos que, além de relações metatextuais, “[...] veiculam relações entre proposições e o conteúdo não linguístico, como os marcadores discursivos, que indicam não apenas a perspectiva do falante, mas também sua preocupação em relação a como a proposição deve ser interpretada pelo ouvinte”.

Pode-se ver, primeiramente, o tratamento de marcadores discursivos como resultado de gramaticalização em Traugott (1997) quando a autora, enfatizando a relação entre sintaxe, pragmática e semântica, descreve, no inglês, o desenvolvimento dos marcadores discursivos *indeed*, *in fact*, *besides* a partir de advérbios. A autora propõe o seguinte *cline* para explicar a gramaticalização de advérbios em marcadores discursivos: cláusula adverbial interna > advérbio sentencial > partícula do discurso (da qual os marcadores do discurso são um subtipo). Traugott (1997) afirma que, no primeiro estágio desse *cline*, ocorre um advérbio que modifica um verbo e, no segundo estágio, um advérbio que modifica uma sentença; no último estágio, o item passa a ocorrer em uma posição mais periférica, à esquerda da sentença, funcionando como marcador discursivo.

Para Traugott (1997), os marcadores discursivos são parte da gramática de uma língua mesmo que sejam pragmáticos em função. A ausência do marcador discursivo, segundo a autora, “não torna uma frase agramatical e /ou ininteligível. No entanto, remove uma pista poderosa sobre o compromisso que o interlocutor faz em relação entre o atual enunciado e o discurso anterior” (FRASER, 1988, p. 22 *apud* TRAUGOTT, 1997, p. 6, tradução nossa)⁵.

Nesse caso, pode-se entender a gramaticalização como um processo que pressupõe uma mudança, na língua, de itens/construções do nível representacional para o nível interpessoal:

Seguindo esse processo, o elemento deixa de atuar no nível representacional, característico dos elementos que fazem referência a dados mais objetivos associados ao nosso mundo biossocial, para atuar no nível interpessoal, que engloba as expressões de valor processual, ou seja, aquelas cujas funções estão relacionadas aos processos através dos quais o falante elabora o seu enunciado para um determinado ouvinte em um contexto específico de uso. (MARTELOTTA, 2011, p. 92).

Qualquer pesquisador, ao investigar a mudança por gramaticalização, pode detectar não só *clines* de mudanças categorial e semântica, mas também observar a atuação conjunta de distintos processos. Zilles (2007), com base em Heine (2003), menciona que a gramaticalização é, mais precisamente, um conjunto de mudanças, minimamente descrito por mecanismos como dessemantização, extensão, decategorização e erosão fonética. Nos termos de Heine (2003), a dessemantização está relacionada com a redução semântica e a perda de conteúdo semântico⁶; a extensão⁷ tem a ver com generalização contextual, uso em novos contextos; (iii) a decategorização remete à perda de propriedades morfossintáticas características das formas-fonte, incluindo a perda do *status* de palavra independente própria da cliticização e da afixação⁸ e (iv) a erosão⁹ ou a redução fonética está associada à perda de substância fonética.

5 No original: “The absence of the Discourse Marker does not render a sentence ungrammatical and/or unintelligible. It does, however, remove a powerful clue about what commitment the speaker makes regarding the relationship between the current utterance and the prior discourse”.

6 No original: “[...] desemantization (or “bleaching,” semantic reduction): loss in meaning content [...]” (HEINE, 2003, p. 579).

7 No original: “[...] extension (or context generalization): use in new contexts [...]” (HEINE, 2003, p. 579).

8 No original: “[...] decategorialization: loss in morphosyntactic properties characteristic of the source forms, including the loss of independent word status (cliticization, affixation) [...]” (HEINE, 2003, p. 579).

9 No original: “[...] erosion (or “phonetic reduction”), that is, loss in phonetic substance [...]” (HEINE, 2003, p. 579).

- | *Está/tá* na fala popular de Salvador: redução fonética, variação e gramaticalização

Sendo assim, neste estudo, parte-se do pressuposto de que, com a gramaticalização, há dessemantização e decategorização de *estar* (evidenciada, por exemplo, na mudança desse verbo para advérbio) e uma erosão fonética da forma *está* em *tá*, que, por sua vez, está relacionada com a frequência de uso; nesse caso, entende-se que, quanto mais presente no discurso, maior a possibilidade de desgaste de um item, em razão de sua previsibilidade em contextos apropriados. Ademais, ao se analisarem dados da fala popular soteropolitana em que *tá* desempenha uma função interacional, tem-se o mesmo entendimento de Traugott (1997) e Martelotta (2011) de que o processo de gramaticalização também abarca o desenvolvimento de marcadores discursivos, sinalizando uma mudança do nível representacional para o interpessoal.

Após terem sido discutidos conceitos teóricos relacionados à abordagem da gramaticalização e relevantes para a descrição dos usos de *está/tá*, na próxima seção, serão apresentadas informações sobre aspectos metodológicos da pesquisa.

Metodologia

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa incorporou, na observação e análise dos dados, postulados da sociolinguística variacionista (LABOV, 2008 [1972]) e submeteu os dados a um tratamento estatístico no programa GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005); nessa perspectiva, seguiu o que tem sido designado de orientação sociofuncionalista (TAVARES, 2003, 2013), com foco na relação entre a variação linguística e a mudança via gramaticalização das formas *está/tá*. A esse respeito, Görski e Tavares (2017, p. 39) apontam que uma contribuição da sociolinguística para a abordagem da gramaticalização tem a ver com o fato de, “[...] ao submeter os dados a procedimentos estatísticos comumente adotados para a análise multivariada, identificamos até mesmo alterações sutis em padrões de distribuição linguística e extralinguística das formas variantes [...]”.

Para o mapeamento dos usos de *está/tá* na fala popular soteropolitana, partiu-se do exame de ocorrências empíricas retiradas de dezesseis inquéritos (de um total de quarenta e oito) do banco de dados do Programa de Estudo do Português Popular de Salvador (PEPP) (LOPES; SOUZA; SOUZA, 2009), desenvolvido na Universidade do Estado da Bahia. Esse banco de dados foi constituído no período de 1998 a 2000 e possui informantes de vários bairros de Salvador, estratificados de acordo com as seguintes categorias sociais: sexo (homem e mulher); nível de escolaridade (Ensino Fundamental e Ensino Médio); faixa etária: (15 a 24 anos – FI; 25 a 35 anos – FII; 45 a 55 anos – FIII; acima de 65 anos em diante – FIV). Na pesquisa, tendo em vista essas categorias sociais, foram

selecionados dezesseis informantes com os seguintes perfis: 8 de cada sexo, 8 de cada nível de escolaridade e 4 de cada faixa etária.

Como procedimentos metodológicos, foram adotados os seguintes: (i) levantamento e fichamento das ocorrências do verbo *estar* no contexto do presente do indicativo nos dezesseis inquiridos do PEPP que compõem a amostra da pesquisa; (ii) audição das entrevistas para verificar, quanto à pronúncia do verbo *estar*, se o informante realizou a forma plena (*está*) ou reduzida (*tá*); (iii) codificação dos dados a partir das variáveis linguísticas (valor semântico-estrutural, tipo de sintagma/constituente expresso à direita de *está/tá*, pessoa gramatical do sujeito de *está/tá*, explicitude/omissão de sujeito, tipos de sequências linguísticas) e sociais (sexo, escolaridade e faixa etária) controladas na pesquisa; (iv) análise dos dados e interpretação dos resultados.

A análise dos dados foi realizada em viés qualitativo e quantitativo, buscando-se descrever os contextos de usos das formas fonológicas plena e reduzida de *estar* na fala popular soteropolitana e verificar quais das variáveis consideradas na pesquisa mais favoreciam essas formas fonológicas. Este texto focaliza os resultados referentes ao valor semântico-estrutural de *está/tá*, único parâmetro linguístico considerado relevante na rodada dos dados para a descrição dos processos de variação e gramaticalização de *estar*¹⁰. Na próxima seção, serão pontuados aspectos referentes à etimologia do verbo *estar* com o intuito de averiguar se algum sentido da forma etimológica desse verbo permaneceu no português contemporâneo.

Etimologia do verbo *estar*

O verbo *estar* é derivado da forma latina *stare*, que tinha o sentido de ‘*estar de pé*’ (CASTILHO, 2019; BAGNO, 2011). Castilho (2019) aponta que, no latim, *stare* atribuíria a seu sujeito a noção de localização física no espaço. De acordo com Bagno (2011), em latim, *stare* possuía o sentido de ‘*estar de pé*’ em oposição a *sedere* e *cubare*, que significavam, respectivamente, ‘*estar sentado*’ e ‘*estar deitado*’. O autor ainda salienta que o verbo *estar* tem uma pré-etimologia, isto é, seus radicais são provenientes do indo-europeu, que deu origem à grande parte das línguas europeias e, portanto, é anterior ao latim. Esclarece, então, que a raiz indo-europeia *sta* contém a ideia de ‘*estar de pé*’, e é dela que provêm o verbo latino *stare* (particípio passado: *statum*) e a terminação *stão*, usada no nome de muitos países e regiões (Afeganistão, Paquistão), significa ‘*lugar onde está o povo X*’.

10 Na pesquisa de Silva (2021), as variáveis selecionadas, em ordem de relevância, como significativas pelo GoldVarb X foram: (i) valor semântico-estrutural de *está/tá*; (ii) *sexo*; (iii) *faixa etária*. Nesse caso, além de uma variável linguística, foram selecionadas duas sociais.

- | *Está/tá* na fala popular de Salvador: redução fonética, variação e gramaticalização

Bagno (2011) menciona que, no período arcaico da língua portuguesa, ainda se registrava o uso de *estar* com o significado de ‘*estar de pé*’, como se vê em (4).

- (4) [...] muytos havia hi deles que no prendiam sono jazendo, mais *estando* [...] [muitos deles havia que não dormiam deitados, mas de pé] (MACHADO FILHO, 2009 *apud* BAGNO, 2011, p. 613).

Santos (2016) atesta, no português contemporâneo, apenas uma ocorrência desse emprego de *estar*, extraída de um *site* da internet (5), o que demonstra que esse uso não é tão comum nessa sincronia. Sobre essa questão, Castilho (2014 *apud* SANTOS, 2016, p. 229) afirma que as noções de *estar de pé* ou *estar parado* presentes no uso de *estar* como verbo intransitivo locativo posicional “não são mais percebidas no português brasileiro atual”.

- (5) E a minha leitura, penso, *está* no incompleto, no meu processo identitário. *Está* na minha vida. E como tal, não posso esgotá-la. Apenas, sei que, nesse exato momento, todos seguimos *estando*... Porque somos iguais, virtualmente <http://www.rascunhodigital.faced.ufba.br/ver.php?idtexto=27> (SANTOS, 2016, p. 229).

Nos dados de fala soteropolitana do século XX, não foi encontrado o emprego supracitado de *estar*. A seguir, será feita uma descrição dos usos de *está/tá* documentados na amostra examinada, correlacionando-os à mudança via gramaticalização.

Usos de *está/tá* na fala popular soteropolitana: instâncias de gramaticalização

Para a classificação dos usos de *está/tá* nos dados de fala popular soteropolitana, Silva (2021) se baseou nas categorizações propostas por Pinheiro (2019) e Santos (2016) e considerou a discussão apresentada por Bagno (2011) para verbos de ligação em estruturas atributivas e modais. Com base nas ocorrências documentadas na amostra, foram registrados os seguintes valores semântico-estruturais de *está/tá*: (i) verbo pleno em estrutura locativa; (ii) verbo de ligação; (iii) verbo auxiliar em estruturas atributivas e modais; (iv) advérbio de afirmação/concordância; (v) marcador discursivo.

Como verbo pleno em estrutura locativa (6), *estar* tem o significado de ‘ficar situado, localizar-se em um determinado lugar’, ou seja, indica o lugar em que um ser/entidade/objeto *está*: *aqui* (6a) e *em casa* (6b); sintaticamente, esse lugar é expresso por um sintagma adverbial (6a) ou sintagma preposicionado (6b).

(6) a. [...] hoje não, você aí, qualquer lugar você vai, *está* aqui agora, eu vou pra, pra não sei aonde, entro num beco desses aí e vai pro Rio Vermelho, vai pra Pituba, vai pra onde você quiser, então a Bahia progrediu muito. (PEPP, Inf. 34, p. 313).

b. Menina é porque, às vezes K... por exemplo estuda junto com o namorado engana a faculdade a manhã toda, vem junto no carro, quando chega aqui, meia hora que ela *tá* em casa quer levar uma hora no telefone, ah não, e tem celular ele, tem celular ele, digo não, aí eu dou cada grito. (PEPP, Inf. 17, p. 292).

Funcionando como verbo de ligação, os usos de *está/tá* são encontrados em estruturas atributivas (7) e modais (8). Em (7a) e (7b), *está/tá* relacionam uma dada característica (*menstruada, com as pernas inchadas*) atribuída aos sujeitos das sentenças (*ela, você* implícito); do ponto de vista sintático, essa característica se realiza como um sintagma adjetival (*menstruada*) e sintagma preposicionado (*com as pernas inchadas*). Em (7c), *estar* ocorre com SN (*um negócio sério*), que caracteriza o sujeito da sentença (*a nossa infração*). Em (8), diferentemente dos exemplos anteriores, *estar* é empregado, em uma estrutura modal, como verbo de ligação com sintagma adverbial (*muito bem*), quando a informante se refere ao modo como se encontra a relação com a irmã.

(7) a. eu tenho uma amiga mesmo que ela tem dois irmãos, ela não pode dizer em casa que ela *está* menstruada porque o pai não pode saber, os irmãos não podem ver, os irmãos, se ele estiver trocando de roupa ela tem que trancar a porta. (PEPP, Inf.12, p. 139).

b. [...] então hoje em dia pode estar acontecendo ainda por isso, pode estar acontecendo ainda por isso, que as crianças são muito rebeldes hoje, eu acho, os jovens muito rebeldes, e quando a gente fala, “menina não faça isso, *tá* com as pernas inchadas, não coma sal”, “ah! Sou vocês que tem pressão alta, sou jovem” [...] (PEPP, Inf. 17, p. 274).

c. Nós podemos ver por esses dias que estamos do século vinte, na virada do século vinte e um, onde qual a nossa infração *está* um negócio sério (PEPP, Inf. 40, p. 158).

(8) [...] não gosto muito do namorado dela, ela acha que, sabe né, quando a gente arranja às vezes um namorado eu acho que só tem olhos pra ele, aí hoje não *tá* muito bem não, eu sinto que não vai dar certo sabe [...] (PEPP, Inf.12, p.130).

Como auxiliar (9), *estar*, na sua forma plena (9a) e reduzida (9b), ocorre no presente do indicativo, na construção auxiliar + gerúndio (*está piorando, está melhorando, tá fazendo*); nesse caso, além de ser responsável por indicar o tempo, o modo, o número e a pessoa gramatical, expressa continuidade de algo (ação, situação, processo etc.) ainda em curso.

(9) a. DOC: [...] E... a respeito desse diálogo que você que os pais os pais devem ter com os filhos. Você acha que isso tem melhorado?

20: Aí, de alguns, alguns aspectos estão melhorados, não, não não *está* piorando mas estão melhorando, *está* melhorando, certo? (PEPP, Inf. 20, p. 116).

b. Minha diversão maior é ir pro, pra Fonte Nova quando tem o Bahia pra jogar, e quando eu tenho dinheiro pra pagar, pra ir ver que nada, não dá pra entrar de graça mesmo, a praia quando *tá* fazendo sol, o pagode, quando nada disso acontece o jeito é ficar com o meu filho em casa brincando, fazendo ele ri. (PEPP, Inf. 18, p. 85).

Estabelecendo-se uma associação entre os três primeiros empregos de *está/tá* atestados na fala popular soteropolitana e o processo de gramaticalização, vale destacar que os usos como verbos de ligação e auxiliar já constituem estágios de gramaticalização do verbo *estar* (MENDES, 1999; BAGNO, 2011), a partir da função fonte, verbo pleno em estrutura locativa.

Como advérbio de afirmação/concordância, há usos de *tá* (10) em contextos de interação em que os falantes concordam com os seus interlocutores; nesse caso, os falantes se valem da forma isolada *tá* (10a) e das construções *tá certo* (10b) e *tá bom* (10c). Nos excertos em (10a) e (10b), há concordância das informantes com as suas mães em relação a algo proferido por essas: a respeito de retornar a ligação e de cuidar da irmã, respectivamente. Em (10c), a aquiescência por parte do informante se dá no que diz respeito à finalização da conversa pelo documentador. Os três excertos ilustram, na fala soteropolitana, a gramaticalização do verbo *estar*, na sua forma reduzida, em advérbio de afirmação/concordância, tal como evidenciado por Santos (2016) na análise de dados de fala do português brasileiro contemporâneo.

(10) a. DOC: Oh, que bom!

17: e eu tenho que dizer, "*tá* minha mãe, minha mãe oh pelo amor de Deus, minha mãe. Olhe, minha mãe, depois eu ligo pra senhora, *tá*?" Porque, às vezes, eu estou assim sabe?, aí ela, *tá*, "oh, minha filha", amanhã, aí quando

for amanhã, “ontem eu liguei pra você, mas você é muito ocupada, não podia me dar assistência, mas eu só queria hoje ouvir a sua vozinha, uma saudade de sua vozinha rouca”. (PEPP, Inf. 17, p. 290).

b. Aí eu faço: “S. Você tem que ficar com... com K., porque o apelido dela é K., que é nome é Alessandra, tem que ficar com ela porque mamãe vai sair e Solange vai sair e quem vai te olhar? Então você não fique brigando com ela não, porque ela é sua irmã, ela gosta de você.” *Tá certo*, mainha, eu vou obedecer, olhe K, você vai ser minha babá hoje, viu? (risos). (PEPP, Inf. 36, p. 245).

c. Doc: É, eu acho que nós podemos encerrar a conversa que nosso tempo já foi o suficiente viu H... obrigada.

34: *Tá bom!* (PEPP, Inf. 34, p. 298).

A partir de Hopper (1991) e Heine (2003), considera-se que, no uso como advérbio de afirmação/concordância, há uma decategorização de *estar* em relação à pessoa gramatical (que passa a se restringir ao contexto da terceira pessoa do singular) e à não admissão de sujeito. Sobre essa questão, Santos (2016) explica que, com a função de advérbio de afirmação ou concordância, o verbo *estar* ocorre na terceira pessoa do singular, modificando-se para um verbo impessoal, e, frequentemente, aparece na forma de partícula *tá*, que, segundo a autora, é a redução da expressão afirmativa *está bem* e de suas variações que também podem ser empregadas como *está bom*, *está ótimo*, *está certo* etc., que indicam concordância.

Ao funcionar como marcador discursivo, *estar* é empregado não só na sua forma reduzida isolada – *tá?* (11a) – mas também em uma construção com auxiliar e gerúndio – *tá entendendo?* (11b). Esses dois marcadores discursivos atuam na função interpessoal (HALLIDAY; HASAN, 1976): na interação comunicativa, constituem uma estratégia do falante para checar a recepção do ouvinte (MARTELOTTA, 2009), operando, nos termos de Freitag (2009), como requisito de apoio discursivo em relação a algo enunciado: em (11a), há o uso de *tá?* depois de a informante enunciar que, na época de sua adolescência, as meninas/moças não podiam olhar diretamente nos olhos dos homens; em (11b), o emprego de *tá entendendo?* ocorre depois de a informante dizer que seus filhos sempre frequentavam festa.

(11) a. Olhe, namoro? Olhe, eu comecei a namorar tarde, quinze anos, primeiro namorado quinze anos, eh, por causa do pai que a gente não podia olhar nos olhos dos homens, não *tá?* Enquanto fomos criadas meninas, se chegasse um, um visitante, alguma coisa, sendo do sexo masculino era olhando do joelho

pra baixo, coisa assim que, então não olhava di, diretamente nos olhos dos homens. (PEPP, Inf. 23, p. 208).

b. Meus filhos, não, eles saíam, iam pra festa, *tá entendendo?* Queriam romper o ano fora, iam, dava meia noite em casa, depois eles saíam, voltavam de manhã. Sempre foram em festa, eu nunca preendi. (PEPP, Inf. 01, p. 323).

Em contexto como o de (11a), “tendo origem em uma forma de pergunta referencial, *tá?* passa a funcionar como pergunta retórica a fim de marcar para o ouvinte as informações dadas [...]” (MARTELOTTA, 2009, p. 104). Considera-se que essa mesma observação é válida para *tá entendendo?* em contexto como o de (11b). Sendo assim, à esteira de Freitag (2007) e Martelotta (2009), assume-se aqui que a emergência desses dois marcadores discursivos se dá a partir do *cline* de mudança pergunta plena ou referencial > pergunta retórica.

No entanto, os contextos morfossintáticos que permitiram, em (11a) e (11b), a gramaticalização de *estar* como marcadores discursivos são diferentes: (i) no primeiro caso, *estar* se gramaticalizou no contexto de terceira pessoa do singular, a partir da pergunta referencial *está bom?/está bem?*, conforme o *cline* proposto por Martelotta (2009, p. 89): *está bom?/está bem?* > *tá bom?/tá bem?* > *tá?*; (ii) no segundo caso, o contexto motivador foi o de segunda pessoa do singular, a partir da pergunta referencial *você está entendendo?*; desse modo, aventa-se o seguinte *cline* de emergência do marcador discursivo ilustrado em (11b): *você está entendendo?* > *você tá entendendo?* > *tá entendendo?* Com a gramaticalização, observa-se, então, uma decategorização (HOPPER, 1991; HEINE, 2003) de *estar* nesses dois usos como marcadores discursivos, no que diz respeito à pessoa gramatical.

Os usos de *está/tá* documentados na fala popular soteropolitana representam diferentes instâncias de gramaticalização do verbo *estar*: ocorre mudança categorial levando-se em conta apenas a classe de verbos (pleno > de ligação > auxiliar) e dessa classe para outra classe (advérbio) ou função (marcador discursivo). Pode-se observar a atuação do processo de gramaticalização não só em *estar* como item (*está/tá*), mas também em toda a construção de que ele faz parte, em ocorrências como *tá entendendo?*, *tá certo* e *tá bom*, o que serve de evidência empírica da afirmação de Hopper e Traugott (2003 [1993]) de que a gramaticalização pode incidir tanto em um item como em uma construção. Na próxima seção, será apresentada uma discussão, em viés quantitativo, dos dados no que concerne à correlação *está/tá* e valor semântico-estrutural.

Resultados quantitativos

Na amostra analisada por Silva (2021), foram atestadas 291 ocorrências empíricas de *está/tá*, das quais 167 (57,4%) foram da forma reduzida (*tá*) e 124 (42,6%), da forma plena (*está*). Das variáveis consideradas na pesquisa (citadas na seção de metodologia), o valor semântico-estrutural, como já mencionado, foi a primeira variável selecionada como relevante para a variação entre *está* e *tá*.

Na pesquisa, registraram-se os seguintes resultados referentes à frequência de *tá*¹¹ de acordo com o seu valor semântico-estrutural: verbo pleno (29/54 = 53,7%), verbo de ligação (58/102 = 56,9%), verbo auxiliar (48/102 = 47,1%), advérbio de concordância (6/6 = 100%), marcador discursivo (26/27 = 96,3%). Nota-se que há uma frequência bem alta de uso de *tá* com as seguintes funções: advérbio de afirmação/concordância (100%) e marcador discursivo (96,3%). Em relação a esses dois valores semântico-estruturais, ocorreram, respectivamente, usos categóricos e semi-categóricos de *tá*. Os resultados aqui expostos revelam, ainda, que, na fala popular soteropolitana, há variação entre *está* e *tá* apenas quando essas formas funcionam como verbos pleno, de ligação e auxiliar.

Como, na rodada inicial do GoldVarb X, no arquivo de células, houve o uso categórico de advérbio de afirmação/concordância com a forma reduzida *tá*, para eliminar o *knockout* dos resultados, foi feita uma rodada com amalgamação entre os usos de advérbio de afirmação/concordância e marcadores discursivos pelo fato de esses serem os usos mais gramaticalizados registrados na amostra. Ademais, como já mencionado, houve um emprego quase categórico de *tá* na função de marcador discursivo no *corpus*. Os resultados dessa rodada se encontram na Tabela 1.

Tabela 1. Condicionamento do valor semântico-estrutural na realização de *tá*

Valor semântico-estrutural	Ocor./Total	%	Peso relativo
Verbo pleno	29/54	53,7	0,409
Verbo de ligação	58/102	56,9	0,472
Verbo auxiliar	48/102	47,1	0,333
Advérbio de afirmação/ marcador discursivo	32/33	97,0	0,957

Significância 0.000

Fonte: Silva (2021, p. 118)

¹¹ Na rodada dos dados efetuada pelo GoldVarb X, a forma reduzida *tá* foi tomada como valor de aplicação.

O primeiro comentário a ser feito com base na Tabela 1 é que, tendo em vista o total de ocorrências de cada uso de *estar* na amostra, é possível perceber que, embora os usos como advérbio de afirmação/concordância e marcador discursivo sejam os mais gramaticalizados, não apresentam a maior frequência de uso (apenas 33 ocorrências), quando comparados com as outras funções de *estar* registradas nos dados: verbo pleno (54 ocorrências), verbo de ligação (102 ocorrências) e verbo auxiliar (102 ocorrências). Nesse caso, observa-se uma contraevidência do pressuposto funcionalista que estabelece uma correlação entre frequência de uso e formas mais gramaticalizadas.

Ainda conforme exibido pela Tabela 1, verifica-se que os usos como advérbio de afirmação/concordância (12) e marcador discursivo (13) se sobressaem com a forma reduzida *tá* (12), (13a), (13b), com um peso relativo maior (0.957) entre as outras funções encontradas na fala soteropolitana. Nos dados analisados, há apenas uma ocorrência de uso de marcador discursivo com a forma plena (13c).

(12) Ah minha filha, aí beleza, tudo gostoso, eu brigo pelo telefone, boto chave no telefone, saiu leve, deixo o outro sem fio trancado, êta, ela hoje tá atacada, estou mesmo, “estou atacada porque ninguém me ajuda a pagar, tererê, tererê, tererê”, “*tá certo*”, minha filha, se acalme quando você voltar você tá calma. (PEPP, Inf. 17, p. 291).

(13)a. Dava, coisa que eu não faço hoje, não dou não, eu sei, eu acho que sou muito ele, sou de sentar também, agora eu não boto pra chorar não, já fiz muito isso, já parei, eu copiei dele isso, é incrível, de outras pessoas chegar pra mim, R... peraê, calma, que isso funde a cabeça da criança, não pode fazer isso, se vê, se não foi bom pra mim, como é que eu posso passar pra minhas filhas isso, aí eu parei de chegar assim e sentar e conversar, mas conversar mesmo, botar assim a realidade, *tá?* (PEPP, Inf. 23, p. 206).

b. Em ... em ... eu não sei se ... eh ... se negócio de deveres, *tá entendendo?* as professoras não são assim como as que eram de antigamente, que antigamente a gente ia pro quadro, não era, a professora fazia a gente responder, “Venha, agora é você, venha responder aqui” (PEPP, Inf. 01, p. 325).

c. Não é? Que emissora você vê traria alguma coisa positivo para a criança pela manhã, por exemplo? Isso aí que varia, porque de repente, pela manhã pode ter um programa infantil no onze e aí pela tarde não tiver, e se tiver um programa infantil, *está entendendo?* aí diversifica, porque pode estudar de manhã e pode estudar pela tarde, não é? (PEPP, In. 20, p. 125).

O emprego de *tá* com índices bem mais baixos de peso relativo é registrado nas outras funções: verbo de ligação (0.472), verbo pleno (0.409) e verbo auxiliar (0.333). Observa-se, então, que essas três funções de *estar* tendem a favorecer mais o uso da forma plena *está* na fala popular soteropolitana. Sendo assim, pode-se dizer que *está* tende a ocorrer com o uso não gramaticalizado de *estar* como verbo pleno em estrutura locativa (14) e usos que representam estágios iniciais de gramaticalização de *estar*, verbos de ligação (15) e auxiliar (16).

(14) Porque lá, eu às vezes deixo a televisão pra meu marido ficar vendo, distraindo a mente, não é?

DOC: Hum...

Porque ele *está* em casa e não sai pra lugar nenhum, então tem uma coisa pra ele ver, se distrair, então eu deixo a televisão (PEPP, Inf. 01, p. 328).

(15) [...] ela comprou, essa, até essa casa que ela tem em Castelo Branco que a minha filha *está* morando é dela, que quando ela veio com o dinheiro da indenização, ela comprou essa casa, ela agora voltou pensando que a Olivetti estava chamando ela pra trabalhar, né, mas era pra receber um dinheiro, agora ela *está* lá por São Paulo de novo, eu disse a ela “volta rapaz”, se lá ela *está* pior do que aqui na Bahia (PEPP, Inf. 34, p. 314).

(16) Ele *está* na escola, *está* aprendendo, ou pouco ou muito *está* aprendendo, mas a gente tem que verificar, na hora, algum erro, então os pais devem olhar (PEPP, Inf. 01, p. 328).

Entre os três usos elencados acima, uma observação que pode ser feita tem a ver com o verbo pleno, função fonte para os demais usos gramaticalizados de *estar*. Conforme estabelecido por um dos princípios de gramaticalização, o de divergência (HOPPER, 1991) e ilustrado em (14), essa função, mesmo com os deslizamentos funcionais em outros usos, ainda mantém-se na fala popular soteropolitana.

Os resultados quantitativos aqui obtidos permitem comprovar a hipótese levantada no que concerne à correlação entre o emprego de *tá* e o processo de gramaticalização. Assim, constata-se, com base em evidências empíricas da fala popular soteropolitana, que o verbo *estar*, no presente do indicativo, atrelado aos contextos de segunda e terceira pessoas do singular, tem passado pelo processo de mudança por gramaticalização sobretudo como marcador discursivo e advérbio de afirmação/concordância. Nesses usos, *estar* tende a ser realizado na forma reduzida *tá*. Em outras palavras, pode-se dizer que *está* havendo uma *especialização* (HOPPER, 1991) de *tá* no que concerne ao desempenho dessas duas funções.

- | *Está/tá* na fala popular de Salvador: redução fonética, variação e gramaticalização

Os resultados supracitados se assemelham aos achados por Pinheiro (2019) e Santos (2016) no que se refere a usos de *tá* como marcador discursivo e advérbio de afirmação/concordância, respectivamente. Pinheiro (2019) constatou que, na fala capixaba, a redução fonética do *estar* e sua mudança se relacionam diretamente com o seu processo de gramaticalização. Para o autor, o uso do marcador discursivo *tá*? demonstra o extremo do *continuum* de gramaticalização do verbo *estar*, com função bem mais abstrata. Santos (2016), analisando o verbo *estar*, verificou que esse verbo assume diferentes funções na língua a partir da sua mudança linguística por gramaticalização. Entre essas funções, a autora mostra usos de *tá* como advérbio de afirmação/concordância em expressões como *tá bem, tá joia, tá ótimo* etc.

Após terem sido discutidos os resultados quantitativos obtidos para os usos de *está/tá*, na próxima seção, será feita uma reflexão sobre tais usos e os processos de redução fonética, variação e mudança por gramaticalização.

***Está/tá*: redução fonética, variação e gramaticalização**

Os usos de *está/tá* – verbo pleno em estrutura locativa, verbo de ligação, verbo auxiliar, advérbio de concordância/afirmação e marcador discursivo – documentados nos dados de fala popular soteropolitana servem de evidência de que o verbo *estar* vem apresentando uma trajetória de mudança, com ampliação para novos contextos a partir do verbo pleno. De modo geral, evidenciam que a gramática das línguas naturais muda constantemente.

No que se refere aos usos supracitados, é possível estabelecer uma correlação entre o emprego de formas plenas e reduzidas e os processos de variação e gramaticalização. Quanto à variação, os resultados quantitativos obtidos no estudo de Silva (2021) revelam que há, nos dados analisados, uma alternância ou, nos termos de Hopper (1991), uma estratificação entre as formas *está/tá* em relação aos seguintes valores semântico-estruturais: verbos pleno, de ligação e auxiliar.

No entanto, não se observa uma variação entre *está* e *tá* como advérbio de concordância/afirmação e marcador discursivo, mas sim uma especialização (HOPPER, 1991) de *tá* no desempenho dessas funções. Sendo assim, tais resultados permitem comprovar, com base em evidências empíricas, a hipótese assumida de que o verbo *estar*, no presente do indicativo, atrelado aos contextos de segunda e terceira pessoas do singular, tem passado pelo processo de mudança por gramaticalização, funcionando, respectivamente, como marcador discursivo e advérbio de afirmação/concordância (usos que representam estágios de gramaticalização mais avançados). Nesse caso, parte-se do

pressuposto de que há, nos referidos contextos, uma correlação entre gramaticalização e a ocorrência da forma reduzida *tá*.

A redução fonética e a gramaticalização do verbo *estar* já foram alvo de investigação em trabalhos que partiram da análise de dados de fala e/ou escrita do português brasileiro (MENDES, 1999; SANTOS, 2016; PINHEIRO, 2019). Os autores também constataram que há um processo de mudança linguística do item *estar* associado à gramaticalização. Segundo Pinheiro (2019), é possível traçar o percurso em que se deu a gramaticalização de *estar* a partir da análise das funções que o item desempenha: verbo principal¹² > verbo de ligação > verbo auxiliar > expressão cristalizada > marcador discursivo. O autor explica que, ao migrar de sua função fonte para outras mais gramaticais, *estar* “[...] perde significação semântica e propriedades morfosintáticas e, conseqüentemente, sofre redução do seu material fônico, mas, em contrapartida, ganha em funcionalidade” (PINHEIRO, 2019, p. 19).

Neste trabalho, baseando-se parcialmente em Pinheiro (2019), alocam-se os usos encontrados nos dados de fala popular soteropolitana no seguinte *continuum* de gramaticalização do verbo *estar*: verbo pleno > verbo de ligação > verbo auxiliar > advérbio de concordância/afirmação > marcador discursivo. Nesse *continuum*, observa-se que: (i) há uma mudança categorial dentro da própria classe de verbos (pleno > de ligação > auxiliar); (ii) ocorre uma reanálise dessa classe para outra categoria gramatical (advérbio), o que difere da proposta de Pinheiro (2019), que não explicita essa categoria gramatical no *cline* apresentado; (iii) há uma migração de elementos que desempenhavam uma função representacional para função interpessoal (no caso dos marcadores discursivos).

Como já mencionado, em relação ao verbo pleno, função fonte para os demais usos gramaticalizados de *estar*, observa-se, conforme previsto pelo princípio de divergência (HOPPER, 1991), que essa função ainda permanece nos dados examinados. Como marcador discursivo e advérbio de concordância/afirmação, há uma decategorização (HOPPER, 1991; HEINE, 2003) de *estar*: nos dois usos, a pessoa gramatical se restringe justamente aos contextos – segunda e terceira pessoas do singular, respectivamente – em que se instanciou a gramaticalização; no segundo uso, perde-se ainda uma propriedade sintática de *estar*, a admissão de sujeito.

Assim, os dados empíricos aqui analisados confirmam uma imbricação entre a redução fonética de *estar*, a sua reanálise categorial e estágios de gramaticalização, o que não nos causa estranheza já que a erosão fonética – definida, nos termos de Martelotta (2011), como perda de substância fonética resultante de coalescência (fusão de formas adjacentes)

¹² Pinheiro (2019) usa o rótulo *verbo principal* como sinônimo de verbo pleno.

- | *Está/tá* na fala popular de Salvador: redução fonética, variação e gramaticalização

ou condensação (diminuição de forma) – tem sido considerada um mecanismo atuante no processo de gramaticalização.

Pode-se dizer que a análise aqui efetuada, baseada em dados de fala soteropolitana, constitui mais um indício de que está havendo, no português brasileiro, uma tendência no que diz respeito à imbricação supracitada. Nesse sentido, os resultados apresentados neste trabalho podem contribuir para o avanço de uma discussão mais ampla dos processos de redução fonética, variação e gramaticalização de *estar* em distintas variedades do português.

Considerações finais

Este trabalho investigou, na fala popular soteropolitana, o emprego do verbo *estar* no presente do indicativo, mais especificamente nas suas formas fonológicas plena (*está*) e reduzida (*tá*), sob a interface entre variação e mudança via gramaticalização. Para a discussão do objeto em tela, orientou-se pelo arcabouço teórico do funcionalismo linguístico na vertente norte-americana, na perspectiva da abordagem clássica da gramaticalização.

A análise das ocorrências empíricas de *está/tá* foi realizada em viés qualitativo e quantitativo. Os resultados da análise qualitativa mostraram que o verbo *estar* desempenha diferentes funções na fala popular soteropolitana: verbo pleno, verbo de ligação, verbo auxiliar, advérbio de concordância/afirmação e marcador discursivo. Tais usos podem ser alocados no seguinte *continuum* de gramaticalização: verbo (pleno > verbo de ligação > verbo auxiliar) > advérbio de concordância/afirmação > marcador discursivo. Sendo assim, confirma-se a hipótese aventada de que os usos de *está/tá*, na fala popular soteropolitana, no presente do indicativo, no contexto de segunda e terceira pessoas do singular, têm passado pelo processo de gramaticalização, sobretudo como marcador discursivo e advérbio de concordância.

Na análise quantitativa, os resultados da análise geral apontaram que, na fala de Salvador, a forma reduzida *tá* é mais utilizada do que a forma plena *está* pelos falantes soteropolitanos. Quanto ao valor semântico-estrutural de *estar*, verificou-se que há variação entre *está* e *tá* quando essas formas funcionam como verbos pleno, de ligação e auxiliar. Quanto aos usos como advérbio de afirmação/concordância e marcador discursivo, constatou-se que não há variação entre *está* e *tá* nesses usos, mas sim uma especialização (HOPPER, 1991) de *tá* no desempenho dessas funções, visto que essas funções ocorrem apenas com a forma reduzida.

Os resultados sintetizados neste texto corroboram a afirmação de que os usos de *está/tá*, na fala popular soteropolitana, vêm passando por processos de variação e mudança linguística por gramaticalização, no que concerne ao seu valor semântico-estrutural, à medida que *estar*, em suas formas plena e reduzida, apresenta deslizamentos funcionais, ampliando seus contextos de uso, com abstratização semântica e perda de alguns atributos morfossintáticos. Desse modo, os dados empíricos aqui examinados ratificam uma relação entre a redução fonética de *estar*, a sua reanálise categorial e estágios de gramaticalização.

Ressalta-se, ainda, que os resultados encontrados nesta pesquisa se aproximam dos achados por Mendes (1999), Santos (2016) e Pinheiro (2019), que também investigaram dados de *estar* em diferentes variedades do português brasileiro (paulistana, carioca e capixaba, por exemplo). Tais pesquisas também evidenciaram que há uma variação entre formas plenas e reduzidas de *estar* e que esse verbo tem apresentado uma trajetória de mudança por gramaticalização.

A discussão aqui desenvolvida, além de delimitar os contextos de variação de *está/tá*, demonstrou o espraiamento da mudança linguística via gramaticalização do verbo *estar* em mais uma variedade do português brasileiro (a soteropolitana). Espera-se que essa discussão possa contribuir para uma melhor compreensão acerca da interface entre variação linguística e mudança categorial via gramaticalização no português brasileiro.

Referências

- BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2011.
- BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JANDA, R.; JOSEPH, B. (ed.). **The handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003.
- CARVALHO, C. S. Gramaticalização e contexto morfossintático: O que acham, olham e dizem os falantes soteropolitanos? In: LOPES, N. S.; OLIVEIRA, J. M.; PARCERO, L. M. J. (org.). **Estudos sobre o português do Nordeste: língua, lugar e sociedade**. São Paulo: Blucher, 2017. p. 83-106.
- CASTILHO, A. T. Funcionalismo e gramáticas do português brasileiro. In: SOUZA, E. R. (org.). **Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 17-42.

- | *Está/tá* na fala popular de Salvador: redução fonética, variação e gramaticalização

FREITAG, R. M. K. Estratégias gramaticalizadas de interação na fala e na escrita: marcadores discursivos revisitados. **ReVEL**, v. 7, n. 13, p.1-15, 2009. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_13_estrategias_gramaticalizadas_de_interacao.pdf. Acesso em: 12 maio 2021.

FREITAG, R. M. K. Marcadores discursivos não são vícios de Linguagem! **Interdisciplinar**, Itabaiana, v. 4, n. 4, p. 22-43, jul./dez. 2007. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/1091>. Acesso em: 10 maio 2020.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; TAVARES, M. A. **Funcionalismo e ensino de gramática**. Natal: EdUFRN, 2016.

GONÇALVES, S. C. L.; CARVALHO, C. S. In: GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C. L.; GALVÃO, V. C. C. (org.). **Introdução à gramaticalização**: princípios teóricos e aplicação. São Paulo: Parábola, 2007. p. 67-90.

GÖRSKI, E. M.; TAVARES, M. A. O objeto de estudos na interface variação-gramaticalização. In: BAGNO, M.; CASSEB-GALVÃO, V.; REZENDE, T. F. (org.). **Dinâmicas funcionais da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2017. p. 35-63.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Cohesion in English**. Londres: Longman, 1976. p. 256-261.

HEINE, B. Grammaticalization. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. D. (ed.). **The handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003. p. 575-601.

HOPPER, P. J. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT E. C.; HEINE, B. (ed.). **Approaches to grammaticalization**. Philadelphia: John Benjamins, 1991.

HOPPER, P. J. Emergent grammar. **Berkeley Linguistics Society**, n. 13, p. 139-157, 1987. Disponível em: <https://journals.linguisticsociety.org/proceedings/index.php/BLS/article/view/1834/0>. Acesso em: 05 maio 2021.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University, 2003 [1993].

JUNQUEIRA, L. B. C. L. O caráter social do funcionalismo e do cognitivismo. **DLCV** – Língua, Linguística e Literatura, João Pessoa, v. esp., n. 2, p. 9-30, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/dclv/article/view/16084>. Acesso em: 03 fev. 2020.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno e Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LOPES, N. S.; SOUZA, C. M. B.; SOUZA, E. H. P. M. **Um estudo da fala popular de Salvador – PEPP**. Salvador: Quarteto, 2009.

MACEDO, A. V. T. Funcionalismo. **Veredas**: revista de estudos linguísticos, Juiz de fora, v. 1, n. 2, p. 71-88, 1998. Disponível em: <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/794>. Acesso em: 08 out. 2020.

MARTELOTTA, M. E. **Mudança linguística**: uma abordagem baseada no uso. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção Leituras Introdutórias em Linguagem).

MARTELOTTA, M. E. Usos do marcador discursivo *tá*? **Veredas**: revista de estudos linguísticos, Juiz de Fora, v. 1, p. 89-106, 2009. Disponível em: <https://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/nova-digitaliza%3%a7%3%a3o-Usos-do-marcador-discursivo-t%3%a1.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2020.

MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S.; CEZARIO, M. M. (org.). **Gramaticalização no português do Brasil**: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro / UFRJ, 1996.

MEILLET, A. L'évolution des formes grammaticales. *Scientia*, 12, v. 6, n. 26, 1912. Reimpr. In: MEILLET, A. **Linguistique historique et linguistique général**, Paris: Champion, v. 1, p. 130-148, 1948.

MENDES, R. B. **A Gramaticalização de *estar* + gerúndio no Português Falado**. 1999. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

PINHEIRO, F. P. **Tá mudando? Uma análise sociofuncionalista da redução fonética do item *estar* na fala de Vitória/ES**. 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

- | *Está/tá* na fala popular de Salvador: redução fonética, variação e gramaticalização

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Alfa**, São Paulo, n. 60, v. 2, p. 233-259, 2016. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/8007>. Acesso em: 08 jun.2020.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. **Goldvarb X**: a variable rule application for Macintosh and Windows. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em: 13 jul. 2021.

SANTOS, A. L. **Usos dos verbos *ser* e *estar* no português brasileiro**: uma abordagem funcional. 2016. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

SILVA, V. M. **Usos de *está/tá* na fala popular soteropolitana**: variação e gramaticalização. 2021. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2021.

TAVARES, M. A. Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e a mudança linguística. **Interdisciplinar**, Itabaiana, ed. esp. ABRALIN/SE, ano VIII, v. 17, p. 27-48, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/1312>. Acesso em: 02 jun. 2020.

TAVARES, M. A. **A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO**: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

TRAUGOTT, E. C. **The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization**. Paper presented at ICHL XII. Manchester, 1997 [1995]. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/228691469_The_role_of_discourse_markers_in_a_theory_of_grammaticalization. Acesso em: 06 ago.2021.

ZILLES, A. M. S. O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente? **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 42, n.2, p. 27-44, 2007. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/2408>. Acesso em: 04 ago. 2021.

COMO CITAR ESTE ARTIGO: SILVA, Viviane Marcelina da; CARVALHO, Cristina dos Santos. *Está/tá* na fala popular de Salvador: redução fonética, variação e gramaticalização. **Revista do GEL**, v. 19, n. 3, p. 272-296, 2022. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg>

Submetido em: 08/11/2022 | Aceito em: 15/05/2023.
